

## **Natureza e Identidade da Literatura Brasileira: Um Ensaio de Ecocrítica**

*Nature and Identity of Brazilian Literature: An Essay of Ecocriticism*

*Naturaleza e Identidad de la Literatura Brasileña: Un Ensayo de Ecocrítica*

**João Adalberto Campato Jr.**

Professor Doutor, Universidade Brasil, Brasil  
campatojr@gmail.com

**RESUMO**

Exame da relevância do papel da natureza brasileira para a definição de uma literatura autenticamente nacional – autônoma em relação à literatura portuguesa - durante o romantismo literário brasileiro (1836-1881). Para tanto, analisam-se os escritos de alguns intelectuais estrangeiros que escreveram sobre a autonomia da literatura nacional, como, por exemplo, o francês Ferdinand Denis e o português Almeida Garrett. Nessa mesma linha de interesse, estudam-se, igualmente, os escritos críticos de Domingos José Gonçalves de Magalhães e de José de Alencar. O exame segue a orientação teórica e metodológica da ecocrítica, disciplina cujo objetivo é lançar luz sobre as relações entre o meio ambiente e sua representação nas artes em geral e na literatura em particular. Além de sistematizar as relações entre natureza brasileira e autonomia literária, o estudo aponta para como reflexões dessa característica podem, eventualmente, favorecer a educação ambiental em alguns aspectos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ecocrítica. Literatura e Meio Ambiente. Educação Ambiental.

**ABSTRACT**

*This an attempt to examine of the relevance of the role of Brazilian nature in the definition of an authentically national literature - autonomous in relation to Portuguese literature - during the Brazilian literary romanticism (1836-1881). For that, the writings of some foreign intellectuals who wrote about the autonomy of national literature, such as the French Ferdinand Denis and the Portuguese Almeida Garrett, are analyzed. In this same line of interest, we also study the critical writings of Domingos José Gonçalves de Magalhães and José de Alencar. The exam follows the theoretical and methodological orientation of ecocriticism, a discipline whose objective is to shed light on the relationships between the environment and its representation in the arts in general and in literature in particular. In addition to systematizing relations between Brazilian nature and literary autonomy, the study points out how reflections of this characteristic may eventually favor environmental education.*

**KEYWORDS:** Ecocriticism. Literature and the Environment. Environmental Education

**RESUMEN**

*Trata de examinar el importante papel de la naturaleza brasileña para definir una literatura verdaderamente nacional - autónoma de la literatura portuguesa - durante el Romanticismo literario de Brasil (1836-1881). Por lo tanto, se analizan los escritos de algunos intelectuales extranjeros que escribieron sobre la autonomía de la literatura nacional, por ejemplo, el francés Fernando Denis y el portugués Almeida Garrett. En esta misma línea de interés, se estudian, igualmente, los escritos críticos de Domingos José Gonçalves de Magalhães y de José de Alencar. El examen sigue la orientación teórica y metodológica de la ecocrítica, disciplina cuyo objetivo es arrojar luz sobre las relaciones entre el medio ambiente y su representación en las artes en general y en la literatura en particular. Además de sistematizar las relaciones entre naturaleza brasileña y autonomía literaria, el estudio apunta a cómo las reflexiones de esta característica pueden, eventualmente, favorecer la educación ambiental.*

**PALABRAS CLAVE:** Ecocrítica. Literatura y Medio Ambiente. Educación Ambiental.

## 1 INTRODUÇÃO

No Romantismo nacional (1836-1881), ganha evidente força o pressuposto de que principia no Brasil uma literatura própria, que não poderia ser apenas e tão somente um ramo secundário da literatura portuguesa. Para a eclosão de semelhante estado de espírito nacionalista, concorreram, além da mudança da corte portuguesa para o Brasil em 1808 e da Independência política de 1822, os conselhos a nós deixados por intelectuais estrangeiros, que se debruçaram atentamente sobre nossa cultura.

A bem do rigor, atuaram eles como verdadeiros conselheiros, orientando a atitude dos literatos nacionais para com o destino e o futuro da literatura, no sentido principal de mostrar-lhes a necessidade de diferenciar seus escritos dos produzidos na metrópole portuguesa, que ditava regras e fazia e desfazia reputações. Nessa linha de mostrar-se diferente, alcançou notável importância a representação literária da natureza brasileira (flora, fauna, recursos hídricos), cuja grandiosidade e variedade contrastava com a modéstia da paisagem natural portuguesa.

Desses intelectuais estrangeiros, sobressaem, certamente, o português Almeida Garrett (1799 – 1854) e o francês Ferdinand Denis (1798-1890), cujos pensamentos influenciaram, direta ou indiretamente, os escritores românticos brasileiros que apresentaram programas de nacionalização para a literatura, como, por exemplo, Domingos Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, José Martiniano de Alencar, Franklin Távora e Visconde de Taunay.

## 2 OBJETIVOS

Isso considerado, o propósito nuclear deste artigo consiste em estabelecer uma reflexão introdutória e panorâmica sobre a relevância e sobre as particularidades da concepção de natureza e de sua representação artística para a definição e sedimentação de um conceito de literatura nacional brasileira no século XIX.

Assim concebido, tal estudo deve enfileirar-se na tradição da chamada ecocrítica (GLOTFELTY; FROMM, 1996), método de investigação relativamente novo, que busca averiguar, em linhas fundamentais, os sentidos das relações entre manifestações culturais e o meio ambiente.

Paralelamente, salienta-se que o artigo objetiva revelar, igualmente, a gênese histórica de alguns pensamentos ufanistas sobre nossa natureza, que poderão, por sinal, ser empregados em diferentes estágios de processos de educação ambiental.

## 3 MÉTODO DE ANÁLISE

Nesse quadro, façamos, pois, um apanhado dos principais elementos das “teorias” de Garrett e de Denis, que incidam sobre a questão da natureza. Os textos que interessam dos autores estão em *Historiadores e Críticos do Romantismo. 1 A contribuição europeia: crítica e história literária*

(1978), organizada por Guilhermino César. Para o caso de Garrett, o livro apresenta o capítulo VI do *Bosquejo da História da Poesia Portuguesa*, publicado em 1826; já no que toca a Denis, há o texto integral do *Resumo da História Literária do Brasil*, publicado, também, em 1826, como parte do *Résumé de l'Histoire littéraire du Portugal*. Nesses textos, os autores listam e fazem comentários sobre escritores brasileiros.

Antes de mais nada, com respeito ao texto de Almeida Garrett, registremos que nele a produção dos brasileiros foi abordada como parte da literatura portuguesa, estando aí a diferença que o distancia de Denis. Na análise, por exemplo, que Garrett leva a efeito da obra de Cláudio Manuel da Costa, o mineiro é tomado como o primeiro poeta do Brasil e um dos melhores de Portugal. A postura integracionista, no entanto, não impede o crítico de pôr em relevo a necessidade de a literatura brasileira manifestar a singularidade da realidade americana. Os postulados garrettianos encontraram vigoroso eco na geração dos escritores da revista *Niterói*, especialmente Gonçalves de Magalhães.

O trecho abaixo (apud CÉSAR, 1978, p.90) pode ser considerado exemplar da crítica de Almeida Garrett aos literatos brasileiros, que, segundo ele, desconsideravam gravemente a magnanimidade e a originalidade da natureza tropical. O tom de conselho da passagem é inequívoco:

E agora começa a literatura portuguesa a avultar e a enriquecer-se com a produção dos engenhos brasileiros. Certo é que as majestosas e novas cenas da natureza naquela vasta região deviam ter dado a seus poetas mais originalidade, mais diferentes imagens, expressões e estilo, do que neles aparece; a educação europeia apagou-lhes o espírito nacional: parece que se receiam de se mostrar americanos, e daí lhes vem uma afetação e impropriedade que dá quebra em suas melhores qualidades.

Tratando do poeta Tomás Antônio Gonzaga, Garrett (apud CÉSAR, 1978, p.91), após elogiar-lhe a beleza das líras para Marília, lamenta o fato de o árcade mineiro delinear no Brasil cenas neoclássicas, europeias, ao passo que poderia descrever os amores dos pastores em pano de fundo brasileiro, com palmeiras, jasmims, sabiás e outros animais da fauna sul-americana.

Já os conselhos de Denis, no *Resumo*, são de maior repercussão para os nossos intelectuais, tanto que o francês mereceu de Coutinho (1988, p.160) a alcunha de “pai do Romantismo brasileiro”. No entender de Amora (1977, p.58), algumas de suas páginas “foram decisivas na formação, tanto entre os europeus como entre nós, da consciência de uma *literatura brasileira*”. Favoreceu tal prestígio o fato de Denis ser francês e não português e de ter abordado nossa literatura em separado da portuguesa, colocando-lhe em destaque a autonomia. No essencial, as ideias de Ferdinand Denis devem a certo determinismo que grassou no Romantismo, na confluência de Humboldt, Friedrich Schelegel e Madame de Staël, segundo o qual a literatura exprime as condições locais da nação e o gênio do povo. Se o Brasil tem meio físico diferente do de Portugal, bem como costumes e gênio próprios, nada mais natural do que possuir literatura

autônoma, diferenciada da portuguesa. É para a construção dessa literatura particular que Denis conclama todos os escritores brasileiros.

Em primeiro lugar, Denis salienta (apud CÉSAR, 1978, p.36) que os brasileiros devem rejeitar as noções mitológicas greco-latinas, “que não se harmonizam, não estão de acordo nem com o clima, nem com a natureza, nem com as tradições” do Brasil, que, como toda a América, deve possuir pensamentos novos e independentes da tradição europeia. Em seguida, ele aponta para um dos temas singulares da literatura brasileira: a exploração da temática indígena associada à beleza majestosa da natureza tropical; tal equação foi sobejamente usada pelos românticos brasileiros. Assevera Denis (apud CÉSAR, 1978, p.36-7):

O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontrar-se-á nos antigos costumes desses povos [os indígenas], como na força incompreensível de uma natureza constantemente mutável em seus fenômenos: se essa natureza da América é mais esplendorosa que a da Europa, que terão, portanto, de inferior aos heróis dos tempos fabulosos da Grécia esses homens de quem não se podia arrancar um só lamento, em meio a horríveis suplícios, e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos tornam a glória maior? Seus combates, seus sacrifícios, nossas conquistas, tudo apresenta aspecto esplendoroso.

A grandiosidade da natureza americana resta tanto mais clara e evidente para Denis à medida que ele a compara com a natureza europeia já extenuada: as impressões sentidas de uma floresta virgem são mais marcantes do que as sentidas em contato com um “bosque continuamente devastado pelo lenhador”; os animais que têm *habitat* nas matas americanas possuem mais força e liberdade. O oceano, no continente americano, é mais arrojado; seu céu é de esplendor incomparável. Trata-se, em suma, de natureza “muito favorável aos desenvolvimentos dos gênios” (p.37). Conforme pensa Denis, se os poetas dessas regiões se aperceberem dos aspectos grandiosos de onde vivem, chegará um dia em que suas obras literárias superarão às dos escritores da Europa.

Como já tivemos oportunidade de fazer sentir, os românticos brasileiros foram influenciados pelos pressupostos de Denis. Em outras palavras, todos aqueles que se lançaram na tarefa patriótica de tentar fundar a autêntica literatura, beberam na fonte do viajante francês, em cujas águas se misturavam a recusa da mitologia greco-latina e a celebração da natureza tropical e de nosso elemento humano autóctone, a saber, o índio.

Nessa situação, encontram-se Domingos José Gonçalves de Magalhães e José de Alencar, em cujos programas de nacionalização identificam-se, com facilidade, as opiniões de Denis. Essa é uma das causas pelas quais os programas dos dois são semelhantes. Primeiramente, vejamos certos elementos integrantes do programa romântico de nacionalização de Magalhães. Para tanto, devemos examinar alguns de seus textos; o primeiro deles é a correspondência enviada por Magalhães a Cândido Monteiro, a qual passou para a posteridade conhecida como *Carta ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro* (MAGALHÃES, 1864, p.331-64). O texto foi composto durante sua primeira viagem à França, estando datado do porto do Havre, em 1833.

Passagem digna de atenção é a seguinte (1864, p.335): “Como é majestosa e sublime a Baía do Rio de Janeiro! Nunca a tinha visto desta altura. Hei de descrevê-la em um poema em que sonho; mas ainda não achei assunto nacional que me inspire”. Consoante o interpretou Amora (1977, p.79), o texto mostra a “descoberta de uma nova significação da natureza da Pátria”, que, segundo haviam dito Garrett e Denis, “tinha todos os poderes para inspirar um grande poema nacional”.

Todavia o programa romântico nacionalista de Magalhães mostra-se em cores mais nítidas em artigo para o primeiro número da revista *Niterói*, aparecida em Paris, França, em 1836, e que leva por título “Ensaio sobre a história da literatura no Brasil” (1836, p.132-59). No escrito, Magalhães julga a mitologia greco-latina nefasta. No seu entendimento, ela afasta os escritores brasileiros das imagens que nossa bela natureza lhes oferece como motivo literário: “Encantados por este nume sedutor [a mitologia greco-latina], por esta bela Estrangeira [a Virgem do Hélicon], os Poetas brasileiros se deixaram levar pelos seus cânticos, e olvidaram as simples imagens, que uma Natureza virgem com tanta profusão lhes oferecia” (1836, p.146).

A mitologia greco-latina não se harmoniza com o nosso meio físico (eis o determinismo romântico atuando); devendo ser substituída por cor local: “O homem colocado diante de um vasto mar, ou no cume de uma alta montanha, ou no meio de uma virgem e emaranhada floresta, certo, não poderá ter os mesmos pensamentos, as mesmas inspirações, como se ele assistisse aos olímpicos jogos, ou na pacífica Arcádia habitasse” (1836, p.147-8). A mitologia, ademais, cega os escritores brasileiros para a contemplação da grandiosidade da natureza. Por esse motivo, Magalhães deseja “que os vindouros vates Brasileiros achem no puro céu de sua Pátria um sol mais luminoso que Febo, Angélicos Gênios, mais sublimes que as Piérides, que os inspirem” (1836, p.149).

Aproximando-se do término do discurso, Magalhães reafirma a beleza superlativa da natureza, ressaltando que ela deve ter inspirado a primitiva literatura indígena e que deve continuar a inspirar a literatura atual. A citação exemplificadora dessa proposta é longa; porém, fundamental para os objetivos que temos em mira:

Este imenso e rico país da América, debaixo do mais belo céu situado, cortado de tão pujantes rios, que sobre leitos d’ouro, e pedras preciosas rolam suas águas caudalosas; este vasto terreno revestido de eternas matas, onde o ar está sempre embalsamado com o perfume de tão peregrinas flores, que em chuveiros se despençam dos verdes dóceis pelo entrelaçamento formados dos ramos de mil espécies; estes desertos, remansos, onde se anuncia a vida por esta voz solitária da cascata, que se despenha, por esse doce murmúrio das auras, que se embalam nas folhas das palmeiras, por esta harmonia grave e melancólica das aves, e dos quadrúpedes; este vasto éden separado por enormíssimas montanhas sempre esmaltadas de verdura, em cujo tope, colocado se crê o homem no espaço, mais chegado ao céu que à terra, e debaixo de seus pés vendo desnovelar-se as nuvens, roncar as tormentas, e disparar o raio; com tão felizes disposições da Natureza o Brasil necessariamente devera inspirar seus primeiros habitantes; os Brasileiros músicos, e poetas nascer deviam. Quem o duvida? Eles o foram, eles ainda o são. Por alguns escritos antigos sabemos que várias tribos índias pelo talento da música e da poesia se avantajavam. Entre todas, os Tamoios, que mais perto das costas habitavam, eram também os mais talentosos; em suas festas, e por ocasião dos combates, inspirados pelas cenas, que os torneavam,

guerreiros hinos improvisavam, com que acendiam a coragem nas almas dos combatentes, ou cantavam em coros alternados de música, e dança hinos herdados dos seus maiores (1836, p.154-5).

Os conselhos de José de Alencar, em seus textos teóricos do processo de nacionalização da literatura, são muito semelhantes aos de Magalhães. Para o escopo deste artigo, limitar-nos-emos às *Cartas sobre A Confederação dos Tamoios*. As *Cartas* são uma série de missivas com que Alencar – na época, um desconhecido e jovem jornalista - criticou o poema *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães, a então figura de maior destaque de nossas letras. Com efeito, nas *Cartas* (ALENCAR, 1959-60, v.4, p.864), logo de entrada, percebe-se que, para Alencar, os índios, associados à natureza do Brasil e à história do país, fornecem ótimo tema para a realização da “epopeia nacional”:

O pensamento do poema [*A Confederação dos tamoios*], tirado dos primeiros tempos coloniais, é geralmente conhecido; era um belo assunto que, realçado pela grandeza de uma raça infeliz, e pelas cenas da natureza esplêndida de nossa terra, dava tema para uma *divina epopeia*, se fosse escrita por Dante.

A beleza da natureza brasileira é enfocada em diversas passagens das *Cartas* (ALENCAR, 1959-60, v.4): o sol de nossa terra é “cheio de esplendor e de luz” (p.864); nossas matas são seculares e solenes, com flores mimosas e perfumadas (p.865, 877); nossos rios são majestosos (p.865, 902); a baía do Rio de Janeiro, por exemplo, é “magnífica” (p.903), as cenas de nossos crepúsculos da tarde são arrebatadoras (p.877), nossa lua é bela (p.877), o pôr do sol sobre a cumeada das montanhas é soberbo (p.877). Por essa razão, tais belezas mereciam de Magalhães uma representação estética mais digna. Nesse particular, faz-se merecedor de nota o seguinte fragmento da primeira carta (ALENCAR, 1959-60, p.865, V.4):

Brasil, minha pátria, por que com tantas riquezas que possuis em teu seio, não dás ao gênio de um dos teus filhos todo o reflexo de tua beleza? Por que não lhe dás as cores de tua palheta, a forma graciosa de tuas flores, a harmonia das auras das tardes? Por que não arrancas das asas de um de teus pássaros mais garridos a pena do poeta que deve cantar-te.

Desse excerto estabelece a seguinte observação Moreira (1991, p.116): “A passagem é reveladora das exigências de Alencar em relação à literatura nacional. É do espaço brasileiro, principalmente da natureza, que o poeta deve retirar os recursos para a construção do poema nacional”. E continua a crítica no mesmo diapasão: “A concepção que, desde Denis, sustenta o critério de nacionalidade, encontra-se repetida no texto crítico alencariano; a natureza brasileira, entendida como um espaço geográfico, histórico e culturalmente definido, constitui o elemento mais significativo para responder à expressão desse nacional”.

#### 4 RESULTADOS

Chegados a este ponto, torna-se possível notar a semelhança dos programas de nacionalização romântica de Gonçalves de Magalhães e de José de Alencar. Os sinais que se mostraram mais em comum são a celebração artística das belezas de nossa natureza tropical, a tematização do índio e de sua cultura, certa aversão à ideologia neoclássica, sobretudo, à mitologia greco-latina. Como já houve oportunidade de esclarecer, essa semelhança explica-se pela irrecusável influência que os dois escritores brasileiros receberam do francês Ferdinand Denis, bem como do português Almeida Garrett.

Salta aos olhos dos textos lidos como a natureza brasileira – no sentido de complexo composto por relevo, fauna, rios e flora – foi erigida tal qual elemento singular de nossa literatura e – a reboque disso – de nossa própria identidade nacional, diferente, assim, de todas as outras identidades e de todas as demais literaturas nacionais.

Bem nesse sentido, a suposta autêntica literatura do Brasil define-se tanto mais como brasileira na medida em que adota como componente estético fundante e seminal a representação de nossa natureza, de nosso meio físico, de nosso meio ambiente, do nosso espaço.

Segundo se pôde perceber, a natureza brasileira, comparada à natureza europeia, é esplêndida, majestosa, imponente, rica e variada. A paisagem natural americana – da qual a brasileira faz parte – simboliza a juventude, o futuro, a possibilidade de regeneração, ao passo que a natureza europeia representa a exaustão e a decrepitude. Esse, pois, era um aspecto em que o Brasil levava irrecusável vantagem em relação ao Velho Mundo, sendo adotado como ponto de orgulho por nós. Dito de outro modo, a natureza brasileira foi usada pelos românticos ideologicamente.

O presente artigo, para além desses aspectos, poderá aclarar alguns pressupostos da visão ufanista acrítica sobre nossa natureza física, até mesmo servindo, em determinados casos, como ferramenta de educação ambiental. Nesse caminho, é possível estabelecer uma ligação entre a visão da natureza nacional legada pela *Carta de Caminha* (1500) e a visão dos românticos, entendendo com mais propriedade, assim, o ufanismo acrítico que se apoderou do discurso oficial sobre a nossa natureza, e que tem perdurado até os dias de hoje, por vezes, veiculado sem a mínima visada consciente e madura e causando resultando desastrosos.

Opiniões sobre o nosso meio natural, segundo as quais “em se plantando aqui tudo dá”, “Deus é brasileiro, pois não temos terremotos, nem tsunamis” frequentam, pois, o discurso rotineiro e as representações sociais de muitas pessoas, que repetem à exaustão o que o senso comum alto apregoa, persuadidas de que que nosso meio ambiente é, a bem dizer, totalmente renovável, inexorável e eternamente saudável.

O sentido positivo atrelado ao meio ambiente foi transmitido ao Brasil já na *Carta de Caminha* quando se queria passar ao rei de Portugal imagem positiva da terra recém-descoberta. Do lado dos românticos, era uma maneira encontrada de caracterizar o Brasil positivamente em relação a Portugal, forjando a melhor imagem e a melhor identidade para a nação recém-liberta do jugo



lusitano. Como quer que seja, a natureza passou a significar, em todas as circunstâncias, enraizado motivo de orgulho nacional.

## 5 CONCLUSÃO

Foi possível mostrar por meio deste artigo a possibilidade e a viabilidade de desenvolver reflexões científicas e acadêmicas adotando por norte as numerosas modalidades de diálogos estabelecidos entre a literatura e o meio ambiente. Especificamente, o foco das atenções centrou-se em como o discurso literário romântico valeu-se de uma representação artística da natureza tropical com vistas a criar o efeito de sentido de que já éramos um país autônomo e de que, portanto, a nossa literatura também deveria sê-lo. Essa postura de encarar o meio físico como elemento de identidade nacional chegou, tempos mais tarde, às raias do ufanismo. Todo esse complexo de ideias e representações deve ser, naturalmente, matéria da educação ambiental.

Com amparo no que atrás ficou exposto, a educação ambiental, quando os eventos assim o exigirem, poderia se processar calcada na reflexão metódica, sistemática e crítica a respeito do ufanismo que, num grande número de vezes, impede que abordemos o meio ambiente de forma mais condizente com a realidade e com o razoável. Em se tratando de natureza do Brasil, tal cuidado é de enorme valia e funcionalidade. Com efeito, há que ter a noção de que todos os ecossistemas – mesmo os supostamente agraciados pela sorte ou pelo destino - precisam de cuidados especiais, além de proteção contínua.

Essa reflexão sobre o ufanismo – é há tantas outras que caberiam ser desenvolvidas - pode ser sugerida a partir de um episódio de nossa história literária do século XIX, ecoada nos dias atuais. Isso porque ideias de natureza, de meio ambiente, de ecologia, de flora e fauna, de sustentabilidade estão, também, registradas esteticamente em diferentes sistemas semióticos, como a pintura, a literatura, o cinema, a música, as telenovelas, o teatro. Essas linguagens acabam constituindo verdadeiros documentos de como os homens de vários momentos e espaços interagiram com o meio ambiente.

Tratando em particular da literatura, importa fazer sentir que o meio ambiente é retratado pelo discurso literário há tempos. Semelhante constatação é, em larga medida, consequência do fato de que a “natureza sempre foi presença essencial desde as primeiras manifestações literárias no Brasil” (CARVALHO, 2005, p.48).

Nesse sentido, abre-se um amplo leque de trabalhos que apresenta como objetivo examinar as relações entre discurso da literatura e meio ambiente. Seria interessante, pois, observar obras literárias que apresentam como motivo central a relação entre o ambiente natural e a sociedade, ora expondo um desajuste (tensão, conflito, desequilíbrio), ora mostrando um ajuste (distensão, harmonia, equilíbrio) entre a natureza e o elemento social e cultural.

De mais a mais, nunca se deve deixar de assinalar que a produção de sentidos de algumas obras literárias brasileiras depende, primeiramente, da consideração dos aspectos socioambientais aí descritos, representados, refretados e simbolizados. Isso porque há obras que significam tanto mais voltamos os olhos para os fenômenos socioambientais que elas buscam problematizar ou trazer à superfície. Nesse caso, estão, apenas a título de exemplo, *Vidas Secas*, *A Bagaceira*, *Tieta do Agreste*, *Urupês*, *Os Sertões*, *Iracema*, *O Cortiço*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, não citando a literatura infantojuvenil, sempre tão significativa nesse aspecto (CAMPATO JR., 2018).

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959-60. 4v.

AMORA, Antônio S. Alencar. In: \_\_\_\_\_. **A literatura brasileira: o romantismo**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1977. v.2, p.241-82, 336-49.

CAMPATO JR., João Adalberto. *Figurações do meio ambiente na literatura brasileira: uma visão panorâmica*. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Ciências ambientais: um olhar plural**. São José do Rio Preto: HN, 2018.

CARVALHO, Flávia. **A natureza na literatura brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2005.

CÉSAR, Guilhermino. **Historiadores e críticos do romantismo**. 1- a contribuição europeia: crítica e história literária. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.

COUTINHO, Afrânio. O movimento romântico. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à literatura no Brasil**. 13.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p.139-78.

GLOTFELTY, Cheryl; FROMM, Harold. (Org.). **The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology**. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

MAGALHÃES, Gonçalves de. Carta [ao meu amigo Dr. Cândido Borges Monteiro]. In: \_\_\_\_\_. **Poesias avulsas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1864, p.331-64.

\_\_\_\_\_. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. **Niterói, revista brasiliense**, n.1, p.135-59, 1836. [Reprodução fac-similar. *Biblioteca da Academia Paulista de Letras*, v.9, 1978].

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo e crítica romântica**. Porto Alegre: IEL, 1991.